



revista cristã
última chamada

Nero e a Besta

Paráfrase da obra de
Richard Bauckham



César Francisco Raymundo

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

CHAD MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

**Separando a Ficção
da Realidade**

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

Nero e a Besta

Paráfrase da obra de
Richard Bauckham

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Nero e a Besta

Autor: César Francisco Raymundo

Paráfrase livre e criativa do Capítulo 11 da obra de Richard Bauckham:

THE CLIMAX OF PROPHECY
Studies on the Book of Revelation
Richard Bauckham
T&T CIARK LTD

59 GEORGE STREET
EDINBURGH EH2 2LQ
SCOTIAND
Copyright © T&T Clark Ltd, 1993

Capa: César Francisco Raymundo

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Dezembro de 2022
Londrina - Paraná

Índice

Sobre o autor	07	
Prefácio: paráfrase da obra de Richard Bauckham		08
Introdução	09	
UM		
Os números da besta	10	
DOIS		
A lenda do retorno de Nero	17	
TRÊS		
As tradições do retorno de Nero em Apocalipse		24
QUATRO		
Paródia Cristológica	28	
Conclusão	31	
Obras Importantes para Pesquisa		32

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976 na cidade de Londrina - Estado do Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos treze anos de idade. Na década de noventa passou a ser membro da igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade. Tem desenvolvido diversos trabalhos entre eles livros, folhetos e revistas visando a divulgação da Boa Nova da Salvação em Cristo para o público em geral. Atualmente, se dedica intensamente ao estudo, especialização, divulgação e produção de material didático a respeito do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, para que tal mensagem seja conhecida como um caminho verdadeiramente alternativo contra a escatologia falsa e pessimista que recebemos por tradição em nossas igrejas.

Prefácio

Paráfrase da obra de Richard Bauckham

Richard Bauckham é um acadêmico inglês em Teologia, Teologia histórica e estudos neotestamentários. É especialista na Cristologia do Novo Testamento e no Evangelho segundo João. Seu trabalho acadêmico e suas publicações variaram em muitas áreas desses assuntos, incluindo a teologia de Jürgen Moltmann, a cristologia (tanto o Novo Testamento quanto a sistemática), a escatologia, os livros do Novo Testamento de Apocalipse, Tiago, 2ª Pedro e Judas, apocalípticos judeus e cristãos. Trabalhou com a literatura, a Pseudo-epígrafa do Antigo Testamento, os Apócrifos do Novo Testamento, os parentes de Jesus, a igreja adiantada de Jerusalém, a Bíblia e as questões contemporâneas, e as abordagens bíblicas e teológicas sobre questões ambientais. Nos últimos anos, grande parte do seu trabalho se concentrou em Jesus e nos Evangelhos. Provavelmente, seus livros mais conhecidos são *Jesus and the Eyewitnesses: The Gospels as Eyewitness Testimony* (2006), *God Crucified: Monotheism and Christology in the New Testament* (1998), *The Theology of the Book of Revelation* (1993) e *Bible and Ecology* (2010).

Introdução

O nome do imperador romano Nero não aparece no livro de Apocalipse, mas, mesmo assim, desempenha um papel fundamental no mesmo. Muitos concluem que Nero César é o nome da besta descrita em Apocalipse 13:17 e 15:2. Essa interpretação só pode ser justificada se calcularmos adequadamente o número da besta (666) de Apocalipse 13:18. Essa numerologia de Apocalipse nos indica a importância que Nero tinha na escrita do apóstolo João e para a Igreja primitiva naquele momento. Para que possamos entender como funciona o cálculo do número “666” devemos primeiro traçar a origem e formas da esperança pagã e judaica do retorno de Nero. Depois devemos examinar como isso se transformou na lenda de Nero. No relato de Apocalipse 13 sobre a besta não só será encontrado Nero, mas também o confronto histórico e escatológico entre Nero César e o Senhor Jesus Cristo.

1

Os números da besta

“Aqui é preciso sabedoria. Quem tem discernimento, trate de entender o significado do número da besta, pois é número de homem. Seu número é 666”.

- Apocalipse 13:18

A grande maioria dos estudiosos modernos acreditam que Apocalipse 13:18 refere-se a pessoa do imperador romano Nero César. Quando se diz que “é número de homem” ou “o número que representa seu nome” (Apocalipse 15:2), acredita-se que João estava empregando a antiga prática da gematria, em que qualquer palavra pode receber um valor numérico. Sabe-se que, muitas vezes, os alfabetos grego e hebraico foram usados como números e, portanto, é possível somar o valor numérico de cada letra de qualquer palavra grega ou hebraica. Assim, é possível obter o ‘número’ da palavra. O que o apóstolo João está dizendo aos seus primeiros leitores - aqueles que têm inteligência ou discernimento - é que eles reconheçam através do valor numérico o nome da besta.

Tanto no judaísmo como nos círculos pagãos do mundo antigo, a prática da gematria era muito conhecida. A frase específica de Apocalipse que diz que “é número de homem”, faz parte dos casos em que um valor numérico é atribuído a um nome. Além do número funcionar como um código para ocultar o nome de determinada

pessoa, é também para propor um enigma para o leitor resolver. Este é o caso de Apocalipse 13:18.

Um grafite com uma frase foi encontrado na cidade de Pompéia, e diz:

“Eu amo a garota cujo número é 545”.¹

Nesta frase dá para presumir que a própria garota amada deveria reconhecer o valor numérico de seu nome. Se diz que poucos gastariam tempo para descobrir qual nome era de um determinado valor numérico (como provavelmente vários nomes femininos gregos têm). Os oráculos Sibilinos Judaico e Cristão usam a gematria para fornecer um grau de mistério ou obscuridade em determinado texto profético. Por exemplo, há uma profecia de todos os imperadores romanos de Júlio César a Adriano, mas nenhum de seus nomes aparecem; mas há o valor numérico da primeira letra de cada um deles (Sibilinos 5:12-51; cf. também 11:256, 266; 12:16-271). Há também um enigma escondendo o nome de Deus pela gematria (Sibilinos 1:141-145) que ainda permanece ainda não resolvido.

O estudioso do Apocalipse, Richard Bauckham, escreveu que o nome do Filho de Deus encarnado é 888 (1:324-330), a soma das letras gregas do nome Jesus é:²

$$\iota = 10 + \eta = 8 + \sigma = 200 + \omicron = 70 + \upsilon = 400 + \sigma = 200$$

¹ Deissmann (1910) 276. Apud Richard Bauckham, *THE CLIMAX OF PROPHECY - Studies on the Book of Revelation*, pg. 385.

² THE CLIMAX OF PROPHECY - Studies on the Book of Revelation, pg. 385. Richard Bauckham. T & T CIAR K LTD 59 GEORGE STREET EDINBURG H EH2 2L Q SCOTIAN D - Copyright © T& T Clark Ltd, 1993. First Published 1993.

Não seria difícil de alguém resolver o significado do número acima, uma vez familiarizado com a afirmação cristã sobre Jesus. Mas em outra instância na gematria dos oráculos Sibílinos a numeração é usada de forma bastante diferente. Por exemplo, a cidade de Roma possui o número ‘948’ que é tomado para indicar o número de anos de duração dessa cidade desde a sua fundação até a sua destruição ocorrida nas mãos do imperador romano Nero César (Sibílinos 8:148-149). Não temos aqui um mistério em torno do número código, pois Roma tem nome aberto (Sibílinos 8:145). O que o número ‘948’ revela é sobre algo significativo da cidade.

Há também o método (conhecido como *isopsefismo*) que é quando se estabelece uma conexão entre duas palavras diferentes mostrando que seus valores numéricos são os mesmos (as duas palavras são então ditas *isopsefa*). Suetônio mostra este método empregado em um dos versículos gregos que satirizava o imperador Nero, durante seu reinado:

Νεόψηφον· Νέρων ἰδίαν μητέρα ἀπεκτείνει·

Um novo cálculo: Nero matou sua própria mãe.

A palavra *neópsēfon* (não conhecida de outra forma) ajuda o leitor a descobrir que o valor numérico do nome Nero (1005) é o mesmo que o da frase ‘matou a própria mãe’. Assim, o boato popular de que Nero havia matado Agripina, sua mãe, é confirmado por esse *isopsefismo*.

O teólogo Richard Bauckham escreveu que o “*isopsefismo* também foi usado na exegese judaica. Uma tradição rabínica sobre o nome do Messias sustentava que o Messias seria chamado *Menahem* (consolador) porque este nome tem o mesmo valor numérico (138) que a palavra (‘ramo’) que é o título do Messias davídico em Zacarias 3:8; 6:12. Outra tradição encontrou uma referência ao anjo Gabriel

em Ezequiel 43:2, porque a frase ‘muitas águas’ tem o mesmo valor numérico (342) que a frase ‘o anjo Gabriel’”.³

No ano de 1831, pela primeira vez, foi sugerido a solução para o enigma do número 666 e, desde então, é a solução que tem sido mais amplamente aceita. O número 666 é a soma das letras do nome Nero César em hebraico:

$$\text{נֶרְוָה קֶסָר} \quad (\text{נ} = 50 + \text{ר} = 200 + \text{ו} = 6 + \text{ה} = 50 + \text{ק} = 100 + \text{ס} = 60 + \text{ר} = 200)$$

Muitas outras soluções através da gematria não oferecem um nome, que seria o número do seu nome, como requer o texto de Apocalipse 13:17; 15:2. Pelo que parece, Nero César é o mais eminentemente preferível. Há também uma leitura variante de 666 que é o número 616, que pela gematria daria a forma latina Nero.

Há objeções quanto à sugestão de que 666 seria o nome de Nero César, pois João escreveu em grego o Apocalipse; mas não em hebraico. Mas podemos assumir que João teve alguma razão para que a soma chegasse a 666. Ele escreveu em grego pensando em hebraico. Mais à frente, descobriremos que ele tinha pelo menos uma razão para querer dizer que o número 666 era para ser Nero César. Embora escrevendo em grego para leitores de língua grega para as sete cidades da Ásia, a gematria em hebraico seria usada porque João poderia contar que pelo menos alguns de seus leitores soubessem hebraico em cada uma daquelas igrejas. Provavelmente, o apóstolo João, sendo um judeu, encontrou significado especial no valor numérico de 666 em letras hebraicas, ao invés das letras gregas. Veremos também mais à frente que João herdou o número 666 da tradição apocalíptica judaico-cristã.

³ Idem nº 2, pg. 386.

Enquanto o número 666 da tradição apocalíptica judaico-cristã é provavelmente parte da solução para João, na verdade, não é toda a solução. Muito provavelmente o apóstolo João não apenas quis ocultar em mistério uma referência direta a Nero, mas salientar que o valor numérico do nome de Nero tem significado. É possível ver aqui um paralelo do versículo sobre Nero citado por Suetônio. João poderia ter empregado o *isopsefismo* que vimos anteriormente. Uma vez que os seus primeiros leitores estivessem alertados para essa possibilidade, João lhes diz que ‘quem tem inteligência calcule o número da besta’, pois é ‘o número de um homem’ (Apocalipse 13:18). Além de ser o número da besta é também o número de um homem. Uma vez que ‘o número de um homem’ é o valor numérico de Nero César, ‘o número da besta’ é calculado se pegarmos a palavra grega *therion* (besta) e a transliterarmos para o hebraico com o valor numérico de 666, aí teremos:

$$\text{ת} = 400 + \text{ך} = 200 + \text{י} = 10 + \text{ו} = 6 + \text{ך} = 50$$

De acordo com o teólogo Richard Bauckham “esta forma de praticar a gematria - calculando o valor de uma palavra grega escrita em letras hebraicas - também é encontrada no Apocalipse grego de Baruch (3º Baruque), que pode muito bem ser aproximadamente contemporâneo ou um pouco posterior ao Apocalipse e, como o Apocalipse, também foi escrito em grego. Em 3º Baruque 4:3-7, a Baruque é mostrado uma cobra (*drákon*) que bebe um côvado de água do mar por dia, mas lhe dizem que o mar nunca é diminuído porque é reabastecido por 360 rios. A figura é provavelmente derivado do fato de que o valor numérico de *drákon* escrito em caracteres hebraicos é 360:

$$\text{ך} = 4 + \text{ך} = 200 + \text{פ} = 100 + \text{ו} = 6 + \text{ך} = 50$$

O uso de gematria em 3º Baruque é bem menos sutil do que em Apocalipse, mas mostra que João deve estar seguindo um método de

fazer gematria que foi aceita nos círculos que produziu os apocalipses judaicos e cristãos”.⁴

Desta forma, o apóstolo João nos transmite que o número da palavra “besta” é também “o número de um homem”. Assim, a gematria não está meramente apenas mostrando que Nero é a besta. Através do nome Nero temos a identificação por seu valor numérico como sendo a besta apocalíptica da profecia de Daniel - da mesma forma que a tradição rabínica usa o *isopsefismo* para demonstrar que Menahem é o nome do 'ramo' messiânico da profecia de Zacarias.

É de grande surpresa quando se descobre que a leitura variante 616 também pode produzir a mesma coisa. Se o número 616 estiver simplesmente escrito em hebraico, a leitura variante de Apocalipse 13:18 acaba representando uma genuína tradição alternativa sobre o número da besta, cujo resultado também dá a identificação de Nero com a besta apocalíptica.

Uma vez que o próprio João preferiu usar o número 666, é porque provavelmente existem mais mistérios escondidos para serem decifrados nesse número. Bem diferente do número 616, o número 666 tem características matemáticas peculiares, pois ele é um número duplamente triangular. Pelo que parece foi somente a partir do ano de 1912 que isso foi reconhecido pela primeira vez. Se diz que na matemática antiga vinda da tradição pitagórica havia um interesse pelos números concebidos como correspondente a figuras geométricas. Segundo Richard Bauckham “os correspondentes a figuras bidimensionais são conhecidos como números planos. Esses podem ser divididos em dois tipos: os correspondentes a figuras com lados iguais (triangular, quadrado, pentagonal, hexagonal etc.) e os correspondentes a figuras com lados desiguais, de quais os mais importantes são os números retangulares. De todos esses números planos, os mais importantes foram os números triangulares (*trígonoi*),

⁴ Idem nº 2, pg. 389.

os números quadrados (*tetrágonoi*) e os números retangulares (*heteromékeis*). Esses três tipos de números estão intimamente relacionados entre si e eram frequentemente discutidos em relação uns aos outros, como, por exemplo, nas obras matemáticas de Teón de Esmirna e Nicômaco de Gerasa. Embora esses matemáticos escreveram no século II d.C., muitas de suas idéias sobre os números planos eram conhecidos por Filo de Alexandria e assim podem presume-se ter sido comumente conhecido por educados pessoas no final do primeiro século d.C.”⁵

O número 666 é reconhecido como um número triangular, e geralmente se tratam os números triangulares isoladamente. Para melhor apreciar o significado do número 666 deve-se reconhecer as relações entre números triangulares, quadrados e retangulares. números.

Essas dados específicas 666 não teriam importância se não pudesse mostrar que o apóstolo João estava ciente deles explorando-os. Na verdade, o apóstolo deu algumas pistas para o significado de 666 nas conexões literárias entre Apocalipse 13:18; 17:9. Há semelhanças notáveis nessas duas passagens de Apocalipse. Essa semelhança é claramente deliberada, e a variação encontrada nelas é típico do hábito estilístico de João. Possivelmente João fez uma fórmula para fazer uma ligação entre as duas passagens, para que os leitores vissem que as mesmas estão intimamente relacionados.

Não vou entrar em detalhes acerca dessa complexa aritmética em torno do número 666, mas recomendo a obra de Richard Baukham intitulada “The Climax of Prophecy - *Studies on the Book of Revelation*”. Há mais detalhes acerca da identidade da besta que veremos nos próximos capítulos, os quais ajudam a comprovar que Nero de fato foi a besta de Apocalipse 13.

⁵ Idem nº 2, pg. 390.

2

A lenda do retorno de Nero

O fato do número 666 identificar a besta com o imperador romano Nero – algo este muito reconhecido pelos estudiosos – sem sombra de dúvida tem algo a ver com a lenda do retorno de Nero. Segundo alguns estudiosos essa lenda era atual e tinha mais de uma forma quando João escreveu o livro de Apocalipse. Só poderemos entender a origem e as várias interpretações dessa lenda se apreciarmos a ambiguidade do histórico de Nero e sua reputação após à morte. Sobre este assunto, o teólogo Richard Baukham escreveu:

“A imagem de um vicioso e assassino tirano, que mais tarde foi citada por fontes judaicas e cristãs, bem como os historiadores romanos existentes, presentes, fazia parte dessa reputação mas não era toda a história. Tinha uma base bastante lúgubre na longa série de assassinatos políticos em que Nero se entregou e de qual o mais chocante, o assassinato de sua mãe Agripina, tornou-se um dos mais notórios de todos os crimes. Para evocar o imagem do tirano sanguinário, antinatural e odiado que era suficiente para chamar Nero de matricida. A forte e tendência crescente ao absolutismo, sem dúvida relacionado com sua personalidade auto-indulgente, provocou a oposição da aristocracia senatorial romana, que levou à sua queda, e foi historiadores, notadamente Tácito, com a simpatia dos republicanos romanos que continuaram essa oposição na forma

da tradição historiográfica. Por outro lado, Nero foi popular entre a população de Roma. Mais importante, sua filelenismo, que se manifestou em sua paixão e dedicação pessoal à música e aos jogos, alienou a aristocracia romana, cujos costumes tradicionais ofendia, mas tornou-o querido do Oriente helenístico. Tentar mostrar que Nero tentou desenvolver sua posição como imperador na direção da monarquia divina oriental provavelmente foi muito exagerada, mas que ele foi visto nesta luz no leste das províncias do império, onde era adorado como deus no culto imperial, não há dúvida.

Na Grécia nos anos 66-67 d.C., pouco antes de sua morte, evidentemente foi selada sua popularidade na Grécia. Participou de vários jogos, inaugurou a obra do canal através do istmo de Corinto, e também em Corinto proclamou a liberdade da Grécia. Nesta última ocasião o sacerdote do culto imperial respondeu chamando-o de 'o imperador mais poderoso, Filelene, Nero Zeus deus da liberdade'. Finalmente, Nero foi evidentemente detido em considerável respeito pelos partos, com quem ele concluiu a paz sobre a Armênia. Em uma cerimônia esplêndida em Roma, Nero coroou o príncipe parto Tiridates rei da Armênia e Tiridates adorava Nero como o deus Mitra. Após sua morte, o rei parto solicitou ao Senado para honrar sua memória”.⁶

Para entender o livro de Apocalipse é muito importante saber sobre a popularidade de Nero no Oriente, que é tão importante quanto a memória de seu assassinato e crueldades. Nero, segundo Plutarco, era um criminoso e tirano que quase arruinou o império. Há uma tradição que lembrava Nero como um monstro do vício. Ele perfeitamente poderia ser chamado de “besta”, independentemente dos simbolismos da apocalíptica judaica. Para o imperador Marco Aurélio ‘ser violentamente atraído e movido pelas concupiscências da alma é próprio das bestas selvagens e monstros, como Phalaris e Nero eram’.

⁶ Idem nº 2, pg. 408.

Curiosamente, Filóstrato que foi filósofo do primeiro século, ao chegar em Roma durante o reinado de Nero escreveu sobre ele em termos surpreendentemente reminiscentes de Daniel 7:3-7 e Apocalipse 13:2:

“Em minhas viagens, que foram mais amplas do que nunca, homem ainda realizado, tenho visto muitos, muitos animais selvagens da Arábia e Índia; mas esta besta (Onptov), que é comumente chamado de tirano, não sei quantas cabeças tem, nem se é torto de garras e armado com presas horríveis. No entanto, dizem que é uma fera civil, e habita no meio das cidades; mas nessa medida é mais selvagem que os animais de montanha e floresta, que enquanto leões e panteras às vezes, por lisonja, pode ser domado e mudar sua disposição, acariciar e acariciar esta besta faz apenas instigá-la a superar-se em ferocidade e devorar à vontade. E de animais selvagens você não pode dizer que eles já foram conhecidos por comer suas próprias mães, mas Nero se empanturrou ele mesmo nesta dieta”.⁷

Há uma referência ao imperador Nero como sendo ‘a grande besta’ em seu retorno (Oráculos Sibilinos 8:157) que, acredita-se, pode ser uma influência do simbolismo apocalíptico, ao mesmo tempo que também pode pertencer a uma tradição comum, como a descrição do jovem Plínio faz sobre o imperador romano Domiciano. Este era considerado um segundo Nero por causa de sua tirania cruel, sendo considerado como ‘a besta mais monstruosa’.

A guerra judaica aconteceu no tempo do reinado de Nero. Este deu ordens para que o general Vespasiano fosse reprimi-la. Com a destruição do templo e a cidade de Jerusalém, os judeus poderiam responsabilizar o imperador pela tragédia em Israel (Sibilinos 5:150-151). Mas, em contrapartida, tanto Vespasiano como Tito é que

⁷ Philostratus, Vit. Apoll. 4.38, quoted from J. S. Phillimore's translation in Robinson (1976) 235-236. Apud Richard Bauckham, *THE CLIMAX OF PROPHECY - Studies on the Book of Revelation*, pg. 410.

foram os objetos do ódio judaico. Alguns afirmam que é provável que Nero só assumiu um significado especial para os judeus à luz da lenda de seu retorno. Os cristãos tinham uma questão muito diferente, pois Nero foi o primeiro imperador romano a perseguir a Igreja. Embora essa perseguição estivesse confinada à cidade de Roma, foi uma experiência traumática para toda a Igreja. E isto fica mais evidente ainda quando Pedro e Paulo foram martirizados nessa perseguição. Alguns dizem que na Igreja ficou entendido que a perseguição de Nero foi o ataque final do Anticristo contra o povo de Deus. As próprias guerras civis que ameaçaram a sobrevivência do império romano após a morte de Nero, junto a guerra judaica, pareciam ser uma luta interna final. Pois, afinal, segundo às expectativas apocalípticas, os inimigos do povo de Deus deveriam matar uns aos outros imediatamente antes do fim (por exemplo, Zacarias 14:13; 1º Enoque 56:7; 100:1-4). Caso houve por parte de alguns cristãos a identificação de Nero como sendo o Anticristo, essa identificação após sua morte poderia assumir uma expectativa posterior do retorno do imperador.

No início do segundo século foi escrito duas passagens apocalípticas cristãs referindo-se à perseguição de Nero à Igreja. Havia nessas passagens a expectativa do retorno escatológico de Nero como o Anticristo final. Essas passagens contendo um eco histórico de Nero, nos mostram o quão esse imperador foi percebido pelos cristãos da época de sua perseguição à Igreja. Uma dessas passagens é Ascensão de Isaías 4:2-3, onde Nero é identificado como ‘um rei sem lei, um matricida’. Textos antigos além de descrever Nero como o filho do diabo, também contêm uma alusão à ideia de que ele não morreu, mas desapareceu em algum lugar e estava escondido enquanto aguardava seu retorno.

O livro de Apocalipse não diz nada explicitamente sobre Nero. Mas provavelmente à perseguição por parte desse imperador é aludida em Apocalipse 17:6; 18:24; 19:2; cf. 6:9-10). O apóstolo João teve a oportunidade de ver de perto como Nero em seu poder imperial era

absolutista auto-deificante que se opõe a Deus e assassina suas esposas (cf. Apocalipse 11:7; 13:5-7). Provavelmente o iminente confronto entre a besta e os seguidores do Cordeiro pareceria como uma extensão apocalíptica de intensa perseguição por parte de Nero.

Devido a sua muita popularidade, pode ser que Nero em alguns lugares e devido às circunstâncias misteriosas de sua morte, houvesse surgido boatos de que ele ainda estava vivo. Muitas evidências da morte de Nero poderiam facilmente ter sido descartadas como pretexto contra seus inimigos. E os boatos de ele ainda estava vivo serviram para combatê-los. Tempos depois, muito mais tarde, houve à suposição de que Nero não tinha túmulo algum.

Após à morte de Nero apareceram alguns impostores alegando ser o imperador. Há quem dizia que Nero apareceu apenas cerca de um ano após sua morte (69 d.C.). Talvez, pelo período de conflito e confusão em que estava o Império Romano, foi o momento propício para supostos Neros aparecerem para ganhar a fidelidade do leste das províncias. Houve um escravo fugitivo de Pontus, outros da Itália; não só se pareciam muito com Nero, mas também cantavam e tocavam lira.

Na década de 80 d.C. apareceu outro ‘falso Nero’ parecido com o imperador, cujo nome verdadeiro era Terendus Maximus. Segundo suas palavras ele estava vivendo escondido em algum lugar. Ao aparecer na província da Ásia, conseguiu alguns seguidores, mas teve muito mais seguidores enquanto marchava para o leste em direção ao Eufrates. No tempo do reinado do imperador Domiciano (88-89 d.C.), apareceu outro suposto Nero.

A última vez em que se falou do retorno de Nero foi em uma observação feita por Dião Crisóstomo (40-120 d.C.). Ele estando na Ásia Menor, provavelmente no final do primeiro século, escreveu que “mesmo agora todo mundo deseja que ele estivesse vivo, e a maioria

acredita que ele está” (Oral. 21.10).⁸ Esta escrita de Dião Crisóstomo testemunha a popularidade contínua tanto do próprio Nero como da expectativa de seu retorno. A tentativa em colocar a lenda do retorno de Nero em descrédito parece ter ajudado a mantê-la viva.

Foi nos oráculos sibilinos judaicos que a lenda do retorno de Nero adquiriu forma literária pela primeira vez. Uma profecia do início da guerra judaica fala de uma suposta fuga de Nero para o leste no ano 68 d.C.:

“Então um grande rei fugirá da Itália como um escravo fugitivo invisível e inaudível sobre o canal do Eufrates, quando ele se atreve a incorrer em uma maldição materna por repulsivo assassinato e muitas outras coisas, confiantemente, com perversas mãos.

Quando ele foge, além da terra parta, muitos vão sangrar o solo para o trono de Roma”.⁹

Seguindo o texto acima, a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. também estava prevista, bem como a erupção do Vesúvio (79 d.C.) é profetizada como um sinal de vingança divina contra o povo de Roma por seu tratamento do povo judeu. Assim, o retorno de Nero é então retratado como uma retribuição para Roma.

Muitos estudiosos se referem à lenda do retorno de Nero como o mito *Nero redivivus*. Mas tal termo é enganoso, pois assim se acredita que Nero havia morrido e retornaria da morte. De tudo o que examinamos até agora - as fontes pelo menos até o final do primeiro século - era que Nero não tinha morrido, mas ainda estava vivo, escondido em algum lugar no leste, e retornaria através do Eufrates.

Firmianus Lactância (240-320 d.C.), relatou os pontos de vista dos cristãos no início quarto século. Eles acreditavam que Nero voltaria.

⁸ Idem n° 2, pg. 414.

⁹ Idem n° 2, pg. 415.

Lactânio não menciona a idéia de uma ressurreição de Nero, mas apenas a visão de que ele não morreu, mas foi ‘levado e mantido vivo’, assim como muitos dizem a respeito de Enoque e Elias.

A ideia de uma ressurreição de Nero não era a forma que a tradição geralmente tomava. “Assim, há ainda menos fundamento para supor que na época quando João escreveu o Apocalipse a lenda do retorno de Nero era atual em uma forma que previa sua morte e ressurreição. Esta é uma conclusão muito importante para entender o uso da lenda por parte de João”.¹⁰

¹⁰ Idem n° 2, pg. 423.

3

As tradições do retorno de Nero em Apocalipse

É necessário no estudo do livro de Apocalipse entender o uso que João fez da lenda do retorno de Nero. Ele usou duas formas distintas da lenda. Segundo o estudioso e teólogo Richard Bauckham “no capítulo 13 ele usa o que nós descrevemos como a terceira forma judaica da tradição (também encontrada na Ascensão de Isaías), enquanto no capítulo 17 ele usa a segunda forma judaica da tradição (como no quinto Oráculo Sibilino). O Capítulo 16 forma uma ponte entre os dois. A fim de apreciar o uso da tradição de João no capítulo 13, devemos antes de tudo reconhecer que o contexto em que ele aqui incorporou é único. Em nenhum outro lugar está a expectativa do retorno de Nero ligado a uma visionária interpretação do quarto animal de Daniel 7. Mas a visão da besta (Apocalipse 13:1-2) por parte de João é paralela aos apocalipses judaicos contemporâneos do Apocalipse. Ambos 4º Esdras 11-12 e 2º Baruque 36-40 refletem Daniel 7 e interpretam o quarto animal de Daniel como sendo o Império Romano contemporâneo, que está prestes a ser destruído pelo Messias davídico”.¹¹

¹¹ Idem nº 2, pg. 423.

Richard Bauckham continua dizendo que “em 4º Esdras a referência a Daniel é bastante explícita (11:39-40; 12:11), mas o que Esdras vê é uma visão simbólica da mesma realidade (o Império Romano) que Daniel tinha visto na forma de seu quarto animal. A visão de Esdras é de uma águia com doze asas e três cabeças. A águia é obviamente um símbolo apropriado para o Império Romano. As asas e as cabeças representam os imperadores romanos, e são dadas a uma muito elaborada (e em parte impenetravelmente obscura) interpretação. Na tentativa de representar a sucessão dos Césares de Júlio César até o tempo da escrita (100 d.C.) e um pouco no futuro, até o fim iminente, esta visão é muito mais elaborada do que a de João, mas fornece um paralelo à interpretação de João das sete cabeças de sua besta como representando imperadores romanos (Apocalipse 17:9-14). Mas contém nenhum indício da lenda do retorno de Nero”.¹²

O texto de Daniel 7 é um dos principais textos do Antigo Testamento sobre os quais o apóstolo João se baseia e que o alude com frequência. Esse texto retrata as expectativas do livro de Apocalipse de que “o reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo” (Apocalipse 11:15). A partir do capítulo 13, a visão de João se volta para relatar sobre o grande poder anti-Deus de sua época, o Império Romano. Assim como acontece em Esdras, a visão da besta é uma nova visão que, embora inspirada, não é idêntica a de Daniel (Apocalipse 13:1-2). Essa visão de João é composta por características de todos os quatro animais de Daniel (cf. Daniel 7:3-6), mostrando assim para seus leitores que o poder de Roma é a culminação de todo o mal dos impérios da história. A visão que João relata sobre a besta continua alude a Daniel 7 até o versículo 7 do capítulo 13.

¹² Idem nº 2, pg. 423.

As principais alusões são como segue:

Apocalipse 13:1	Daniel 7:2-3, 7
13:2	7:3-6
13:4	7:6, 12
13:5a	7:8, 25
13:5b	7:25 (cf. 12:7, 11-12)
13:6	7:25 (cf. 8:10-11; 11:36)
13:7a	7:21
13:7b	cf. 7:14

Sobre às referências acima, Richard Bauckham escreveu:

“[Em Apocalipse] 13:7 as alusões a Daniel 7 se esgotam. O resto da visão de João sobre a besta neste capítulo deriva de uma fonte: uma tradição apocalíptica, que também aparece na Ascensão de Isaías 4:2-14, sobre o adversário escatológico, identificado com o retorno de Nero. Desde a tradição apocalíptica do adversário escatológico derivado em parte da representação de Daniel do chifre pequeno, era inteiramente apropriado para que João viesse usá-lo para preencher e desenvolver o quadro derivado de Daniel 7. As duas fontes de fato se sobrepujaram e João integrou estreitamente elas na criação de seu próprio relato da besta”.¹³

Pelo que parece, no livro da Ascensão de Isaías 4:2-14 temos uma passagem que pode ser contemporânea com o livro de Apocalipse. Essa passagem é intimamente dependente da mesma tradição apocalíptica que o apóstolo João usou em Apocalipse 13.

O apóstolo João desenvolveu um relato do poder imperial romano tendo como fonte de inspiração Daniel capítulo 7. Sendo assim, a besta descrita em Apocalipse 13 difere muito significativamente da figura do retorno de Nero, o qual apareceu na lenda pagã e depois em formas judaicas da mesma lenda. Do ponto de vista da lenda pagã

¹³ Idem nº 2, pg. 425.

do retorno de Nero, este imperador seria uma ameaça ao Império Romano, pois voltaria para se vingar da cidade de Roma que havia causado sua queda. Nas formas judaicas da lenda, Nero é visto como instrumento de vingança divina contra Roma, para destruir a cidade de Roma e conquistar o Império.

A descrição de Apocalipse 13 é bem diferente dessas lendas. Observe o leitor que a recuperação da besta de sua ferida mortal não é a subversão do poder da besta, pelo contrário, é uma restauração e um aumento do poder da própria besta. O apóstolo João nos mostra também que o adversário escatológico do povo de Deus é Nero e o Império Romano, ao invés de identificar esse imperador como adversário escatológico que ameaça Roma.

O capítulo 13 não é sobre a queda do Império Romano, mas sobre a sua aparente capacidade de se opor a Deus e ao Seu povo. Já no capítulo 17 de Apocalipse a preocupação é com a queda de Babilônia – que alguns dizem ser Roma, mas creio ser Jerusalém “casada” com Roma formando uma só carne. É por isto que a descrição da Grande Meretriz em Apocalipse 17 às vezes parece tratar de Romas e às vezes parece ser Jerusalém.

Em resumo, o apóstolo João usou uma forma da lenda do retorno de Nero para retratar o poder e o sucesso do Império Romano em sua oposição a Deus e Seu povo (Apocalipse 13). No capítulo 17, segundo alguns estudiosos, João usou outra forma da lenda para retratar a queda final do Império Romano – se bem que a Grande Babilônia ali é Jerusalém; mas não podemos deixar de ver que uma vez que Roma e Jerusalém estavam num romance de prostituição, formando uma só carne, é de se esperar a previsão da queda de ambas as cidade.

4

Paródia Cristológica

“...a besta que viste, era e não é, está para emergir do abismo e caminha para a destruição”.

- Apocalipse 17:8a

“E a besta, que era e não é, também é ele, o oitavo rei, e procede dos sete, e caminha para a destruição”.

- Apocalipse 17:11a

Na imagem da besta em Apocalipse 13 temos uma imitação da Santíssima Trindade. O dragão é o anti-Deus Pai; a besta é o anti-Deus Filho; e a besta que emerge da terra é o anti-Deus Espírito Santo. Há expressões que João usa em outros lugares no livro de Apocalipse, as quais são usos em referência a Cristo ou a Deus Pai. Cientes desse fato dá para notar que a besta é uma imitação ou paródia satânica de Cristo. Em Apocalipse 13:3 a frase “vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada”, é usada em relação ao Cordeiro (Cristo) em Apocalipse 5:6a: “Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tendo sido morto”. A frase não implica que o Cordeiro apenas parecia ter morrido, mas, na verdade, Ele havia ressuscitado após sofrer um golpe mortal, assim como a besta foi golpeada de morte e depois foi curada. Assim temos o paralelo da besta e à ressurreição de Cristo. Em Apocalipse 13:14b temos a “ressurreição” da besta: “façam uma imagem à besta, àquela

que, ferida à espada, sobreviveu”. É uma descrição em termos que aludem a ressurreição de Cristo. Somente em relação à morte da besta há uma distinção de Cristo, pois a besta foi “ferida à espada”. Ao escrever nesses termos, o apóstolo João sugere que a morte e a ressurreição da besta não são como a morte e a ressurreição de Cristo, mas trata-se de imitações enganosas da parte de Satanás.

Muitas paródias do reino de Satanás contra Cristo são encontradas no livro de Apocalipse. Por exemplo, a queda de Nero é um julgamento divino, pois sendo ele a besta, parece se recuperar (quando a ferida mortal é curada); este de fato é um ato de reivindicação à divindade que parece validar essa recuperação. Quando o Senhor Jesus foi crucificado pelo poder romano, foi restituído pela Sua ressurreição. Satanás então imita a morte e ressurreição de Cristo. Este é um paralelo central entre Cristo e a besta em Apocalipse 13.

Temos outros paralelos: em Apocalipse 13:4, 8 temos a adoração universal da besta, paralela à adoração universal do Cordeiro (Apocalipse 5:8-14). Em Apocalipse 13:2 o dragão dá à besta seu poder, trono e autoridade. Paralelo a isso Deus Pai é quem dá autoridade e um lugar em Seu trono para Cristo (Apocalipse 2:28; 3:21).

A segunda besta descrita em Apocalipse 13:11 é uma imitação do Espírito Santo. Assim como o Consolador leva as pessoas a Cristo, a função da segunda besta atrair seguidores para a primeira besta (a qual é uma imitação de Cristo).

O apóstolo João nos apresenta a misteriosa marca da besta, seu nome ou o número de seu nome na mão direita ou na testa de quem adorá-la (Apocalipse 13:16-17). Essa marca também tem paralelo com o selo de Deus “na fronte escrito o seu nome [do Cordeiro] e o nome de seu Pai” (Apocalipse 7:3; 9:4; 14:1; 22:4).

Finalmente, no capítulo 17 de Apocalipse temos a paródia cristológica focada no tema do desaparecimento e reaparecimento da besta. Sobre a besta se diz que “era e não é, está para emergir do abismo e caminha para a destruição. [...] a besta que era e não é, mas aparecerá” (Apocalipse 17:8). Sobre Deus se diz algo parecido como: “aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso” (Apocalipse 1:8). Este “há de vir” é uma vinda divina de Jesus Cristo (Apocalipse 1:7), que em Apocalipse é declarado sete vezes sobre essa vinda (Apocalipse 2:5,16; 3:11; 16:15; 22:6, 12, 22; cf. também 3:3). Assim, a besta que “está para emergir do abismo” parodia o tempo todo contra Cristo. O retorno da besta é uma paródia da vinda escatológica de Jesus Cristo.

Conclusão

Não restam dúvidas de que o reinado da besta é o Império Romano e seu imperador Nero César. Os primeiros leitores de Apocalipse eram o público alvo do apóstolo João e era reconhecido que como súditos do Reino de Deus eles seriam abatidos pela besta. Mas eles a venceriam.

Há um paralelo entre a “vinda” da besta e a vinda de Cristo para julgar e punir Israel no ano 70 d.C. Ao punir Jerusalém através dos exércitos romanos, Deus também pune a besta com a morte de Nero César e, mais tarde, o Império Romano se ajoelha perante Cristo no tempo do imperador Constantino.

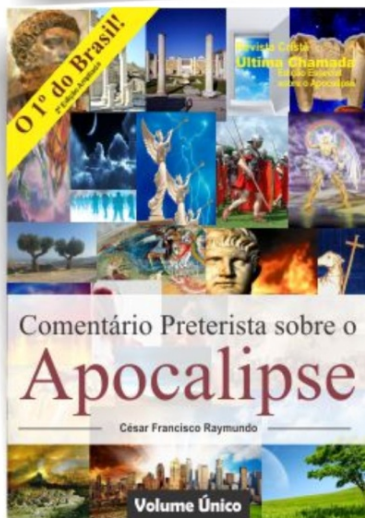
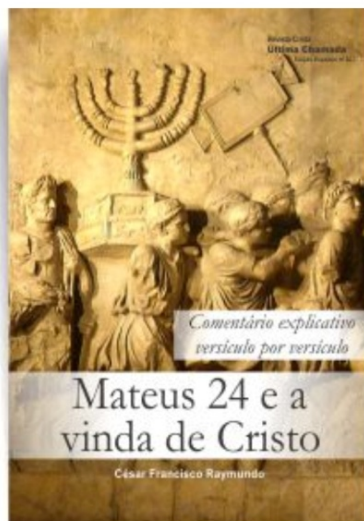
Através de Sua vinda em juízo no ano 70 d.C., o Senhor Jesus Cristo publicamente estabelece Seu reino eterno, porque é verdadeiramente a vinda do eterno Deus, o único que pode ser infundido com absoluta supremacia.

Enquanto o enigma do número da besta apontava especificamente para Nero César como a figura histórica que iria rivalizar com Deus e, infelizmente, muitos hoje em dia pensam que a besta seria um Anticristo vindo da Europa (ainda em nosso futuro). Tudo isso não passa de especulação profética e a besta é uma personagem derrotada em nosso passado.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrsta.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?